



A RELAÇÃO CAMPO-CIDADE NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO INDUSTRIAL: O BAIRRO LAGOA DAS FLORES EM VITÓRIA DA CONQUISTA/BA

Suzane Tosta Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
E-mail: suzanetosta@gmail.com

Jânio Roberto Diniz dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
E-mail: jandiniz@yahoo.com.br;

Fátima Crislaine Batista Rocha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
E-mail: fau.geo@hotmail.com

Victor Andrade Silva Leal
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
E-mail: victor.leal_geo@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente artigo busca demonstrar alguns resultados de pesquisas desenvolvidas junto ao grupo de Pesquisa Trabalho, Mobilidade do Trabalho e Relação Campo-Cidade/CNPq e vinculado ao Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos – LEAU/DG-UESB. Nesses estudos tem-se verificado uma intensa relação nos processos de produção dos espaços do campo e das cidades, impulsionadas pelas transformações na relação capital versus trabalho e que se explica na expansão da sociedade urbana e industrial, em que a realidade analisada na cidade de Vitória da Conquista não se encontra estagnada. Por isso, aborda-se nesse artigo, um estudo sobre o bairro/comunidade de Lagoa das Flores, localizado na região Norte da cidade de Vitória da Conquista – que traz em si a dialética campo-cidade, ora por ser considerada área de expansão urbana, pelo Plano Diretor da Cidade, ora por apresentar um conteúdo social no qual centenas de famílias sobrevivem do trabalho agrícola realizado em pequenas frações de terra, aproximando-os do modo de vida camponês.

PALAVRAS-CHAVE: Campo, Cidade, Relação Campo-Cidade; Sociedade Urbana; Produção do espaço.



1. INTRODUÇÃO

O artigo em questão trata de analisar a complexa relação campo cidade, fundamental para se explicar a realidade concreta da produção de diferentes espaços, sob a égide da relação capital versus trabalho e parte das reflexões acumuladas em espaço de debates e pesquisas realizadas, em diferentes níveis, no município de Vitória da Conquista e região. Através do contato com essas realidades e de posse de um arcabouço teórico buscado na Geografia e em áreas afins, tornou-se possível compreender a relação dialética entre o campo e a cidade na produção dos diferentes espaços, tendo como categoria norteadora para se pensar a produção desses espaços, o trabalho. Ressalta-se que o movimento teoria e prática foi permeado pela realidade concreta. Foi a partir dessa, de suas relações múltiplas e complexas, que se buscou na teoria uma profunda reflexão sobre os conceitos de campo, de cidade e da relação campo-cidade.

Em um primeiro momento a pesquisa se inicia no estudo do campo, das comunidades camponesas, entretanto, deparou-se com uma intensa relação desses espaços com as cidades, sobretudo devido à questão do trabalho. Essa realidade espelha as diversas dificuldades que as famílias camponesas encontram em se reproduzir, única e exclusivamente, do trabalho no campo. Os períodos de escassez hídrica, a pequena ou insuficiente quantidade de terras, a fragmentação da pequena unidade produtiva, dentre outras questões, acaba funcionando como um incentivo a saída, ainda que provisória, desses sujeitos que vivem no campo, sobretudo, a população mais jovem, em busca do trabalho assalariado, com destaque para o trabalho temporário realizado seja no campo ou em cidades, no município de Vitória da Conquista e outros. Constatou-se assim, em mais de 15 anos de pesquisas, que tais deslocamentos entre o campo e cidade sofrem modificações ao longo dos anos, onde antes se tinha deslocamentos mais longos e mesmo o processo de saída definitiva de parte dos camponeses de suas terras de trabalho, vindo estes a se estabelecerem, sobretudo, nas periferias urbanas, convertendo-se, completamente, ao assalariamento, ou seja, se proletarizado. Mais recentemente, a realidade da mobilidade do trabalho rural aponta para deslocamentos mais intensos e curtos, nos quais os trabalhadores já não podem contar com o trabalho seguro e permanente. Por isso, a condição dos trabalhos temporários e precarizados os conduzem a constante mobilidade entre



o campo e a cidade, momentos de assalariamento alternados com períodos em que retornam ao campo e mantém com esses espaços alguma relação de trabalho – se reproduzindo enquanto camponeses.

É nessa dialética campo-cidade que se pode constatar, conforme pesquisas realizadas por Souza (2008), Santos (2009), Silva (2012), Mascarenhas (2012), Meira e Souza (2013), Fialho (2014), Rocha (2014), Souza e Fialho (2015), dentre outros, a relação dialética entre sujeição/reprodução camponesa, ao passo que esses sujeitos, muitas vezes, são levados ao assalariamento e saída provisória de suas terras de trabalho, essa se constitui a única forma de continuarem se reproduzindo também enquanto camponeses, ou seja, colocando sua força de trabalho disponível a exploração do trabalho em sua condição abstrata, para reafirmá-la enquanto trabalho concreto nas unidades de produção camponesa.

Em um segundo momento, as pesquisas passam a analisar a realidade dos trabalhadores já totalmente expropriados dos meios de produção e que sobrevivem, única e exclusivamente, do trabalho assalariado. O olhar pautou-se nos sujeitos que se reproduzem na periferia urbana de Vitória da Conquista e se constitui parte do exército local de reserva, sujeitos, na condição de trabalhadores pouco qualificados, a maior exploração de sua força de trabalho. Essa compreensão também reafirmou a relação campo cidade – seja por conta do histórico de vida de muitos desses sujeitos apontarem para um passado no campo, de onde foram expulsos, seja por manterem com esses espaços fortes vínculos afetivos, relações de parentesco, ou mesmo de trabalho, em um determinado período do ano. Os períodos, por exemplo, de colheita do café nos municípios de Vitória da Conquista e Barra do Choça, acabam por funcionar como momentos de venda de força de trabalho dos trabalhadores urbanos, em serviços no campo. A construção civil, por sua vez, acaba levando os trabalhadores a um movimento inverso – ou seja, a saída temporária do campo, em direção as periferias da cidade de Vitória da Conquista, levando esses sujeitos a também realizar a vida na mediação entre o campo e a cidade.

Em recente pesquisa Lebrão (2014) aponta para a importância do migrante na produção dos espaços da periferia urbana de Vitória da Conquista, enfatizando o deslocamento significativo de famílias camponesas que passam a se reproduzir nesses novos



espaços. É com base nessa realidade que uma série de pesquisas como as realizadas por Souza, et. al., (2015), Leal, Silva e Souza (2013), Novais e Souza (2013), Oliveira Júnior (2012), dentre outras, apontam o processo de proletarização e precarização do trabalho dos sujeitos que se reproduzem nas periferias urbanas, não raro levando-os a diversas formas de deslocamentos a fim de garantir, minimamente, a sobrevivência pelo trabalho, sejam estes realizados nas cidades ou no campo. Além disso, não raro foram encontrados trabalhadores que também passam a se inserir na luta pela terra, ocupando áreas rurais ou periurbanas, como possibilidade de sobreviver. São essas transformações verificadas no mundo do trabalho, que tem nos dado novos elementos para se pensar a relação entre o campo e a cidade, a reprodução camponesa e a proletarização, ambos permeados pelos conflitos capital versus trabalho, fundamentais a compreensão da produção dos diferentes espaços.

Neste artigo, mais especificamente, buscamos abordar as transformações ocorridas no bairro Lagoa das Flores, em Vitória da Conquista/BA – espaço que acreditamos só pode ser explicado na relação dialética entre o campo e a cidade, na medida em que, embora administrativamente definido como bairro da cidade, os sujeitos que se reproduzem nesses espaços assim o fazem desenvolvendo relações de trabalho tipicamente camponesas, realidade que abordaremos no item a seguir.

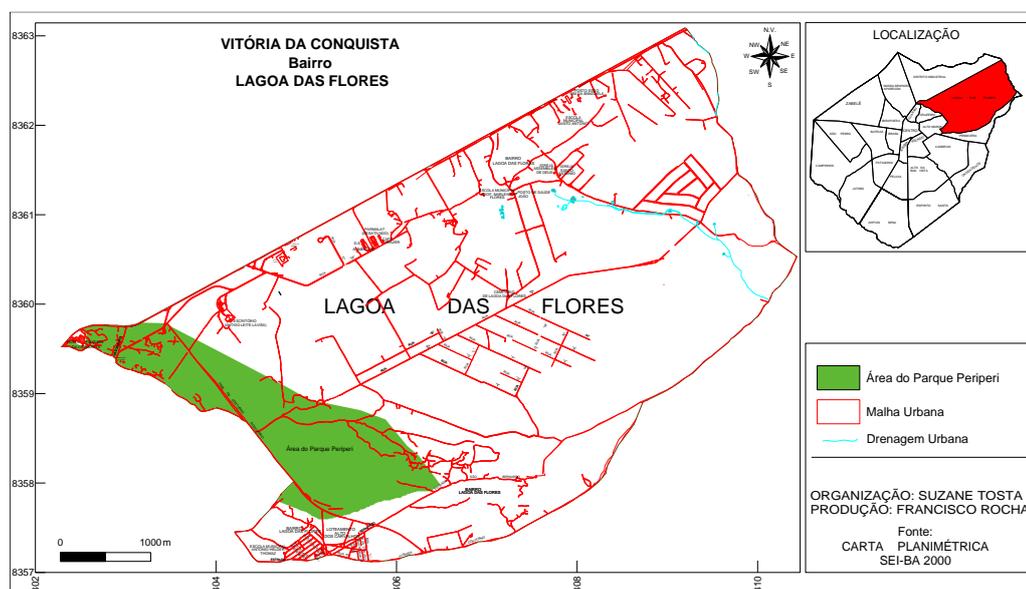
2. O BAIRRO LAGOA DAS FLORES EM VITÓRIA DA CONQUISTA/BA NA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE

A comunidade de Lagoa das Flores localiza-se no entorno da cidade de Vitória da Conquista, setor Norte da cidade, saída Conquista-Jéque, nas margens da BR-116. A área encontra-se ao lado do Distrito Industrial de Imborés. Também na área denominada Lagoa das Flores encontra-se localizado o Assentamento Rural Etelvino Campos (também conhecido como Assentamento Paixão). O fato de localizar-se nas proximidades da cidade de Vitória da Conquista, acerca de 10 km do centro da cidade, e ao lado do Distrito Industrial de Imborés, cujo projeto de Industrialização iniciado na década de 1970 não alcançou os propósitos desejados, fez com que, administrativamente, esta área, onde residem e vivem da produção agrícola, basicamente da horticultura, mais de 700 famílias, passe a ser considerada pelo



poder público municipal área urbana. O questionamento a esta decisão fundamenta-se no fato do critério administrativo desconsiderar todo conteúdo social e histórico em que estas comunidades sobrevivem há décadas, muitas na quarta ou quinta geração vivendo na área, e o fato deste sobreviverem, eminentemente, das atividades agrícolas (horticultura). O mapa 01 demonstra a localização da comunidade de Lagoa das Flores como bairro da cidade.

Mapa 01 – Localização da Comunidade/Bairro de Lagoa das Flores, em Vitória da Conquista/BA, 2008.



As pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa à comunidade de Lagoa das Flores iniciaram-se no ano de 2006 e mais recentemente tem-se buscado compreender os novos processos de valorização de determinadas áreas desse bairro, dada incrementação de diversos investimentos de capital, tanto no sentido de difusão de uma agricultura mecanizada (e com maior desenvolvimento tecnológico) quanto à construção de empreendimentos imobiliários – como os Condomínios fechados de alto padrão, que vão dá um novo conteúdo ao lugar,



podendo vir a se constituir em maiores dificuldades para as famílias camponesas que se reproduzem há várias décadas nesses locais.

Os resultados desse momento mais atual da pesquisa, que estão em andamento, serão divulgados posteriormente. Por hora, cabe compreender que a definição desse espaço como bairro da cidade continua causando uma série de estranhamentos a população local que, em sua maioria, se definem como camponeses e entendem o lugar em que vivem como campo. Apesar disso, os moradores evidenciam a clara influência da cidade, como essa “está chegando”, transformando seus ritmos de vida, permitindo a implantação de diversos serviços e atividades comerciais. Essa realidade nos leva a defender que tal espaço se constitui na mediação indissociavelmente dialética entre o campo e a cidade, ou seja, na relação campo-cidade.

No que se refere aos moradores entrevistados, que vivem da produção de produtos de horticultura, à consideração da área onde vivem, por parte do poder público municipal, como “urbana” tem criado uma série de transtorno a população. No setor educacional apontam que, com tal medida, os estudantes ficam impedidos de terem o acesso ao transporte (ou vale-transporte) para o deslocamento da comunidade em direção às escolas da cidade. Para os professores, as perdas salariais são consideráveis, pois estes perdem o direito ao bônus deslocamento, dentre outros. Do ponto de vista sociológico, ao considerar-se a área de Lagoa das Flores como urbana, apaga-se toda a trajetória histórica de famílias que vivem da produção na terra. Além disso, a estratégia do poder público municipal, que se reveste na possibilidade de maior arrecadação de impostos, constitui-se uma ameaça concreta à reprodução social de muitas famílias que residem em Lagoa das Flores, uma vez que o valor cobrado pelo Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) é muito mais elevado que o valor cobrado pelo Imposto Territorial Rural (ITR). A foto 01 demonstra um pouco do cotidiano da comunidade de Lagoa das Flores.

Foto 01 – Pequena concentração de casas na comunidade/bairro de Lagoa das Flores, vitória da Conquista/BA, 2010.



Fonte: Arquivos de Pesquisa. LEAU/DG/ UESB.

Ressalta-se que, por mais que a foto 01 evidencie uma imagem que se aproxima de uma pequena vila rural, uma estrutura simplificada de uma rua, que aparenta uma realidade mais próxima de áreas urbanas, essas constituem, predominantemente, pequenas aglomerações familiares, onde seus moradores buscam o acesso a determinados serviços como água encanada ou energia elétrica, além de uma maior segurança, dado os vários problemas de violência e roubos que as famílias relatam ser constantes, dado deslocamento de pessoas estranhas (para os moradores “da cidade”) para o local. Ou seja, por mais que estes considerem como próximos a cidade, em sua maioria, compreendem a cidade como “externo” a eles, outra realidade que não a sua.

Por meio de entrevistas realizadas com os ‘camponeses’ (pois esses no geral se definem como moradores e trabalhadores do campo) de Lagoa das Flores, estes destacaram que a produção no local é muito grande, tendo em vista que são centenas de famílias que vivem da horticultura, e que exatamente por conta dessa produção é que a comunidade hoje abastece, não apenas as feiras livres da cidade e dos distritos de Vitória da Conquista, como também, parte desta produção é destinada para as feiras livres de outras cidades do Sudoeste da Bahia e outros locais, a exemplo de Ilhéus, Itabuna, Itapetinga, Poções, dentre outros locais, demonstrando que de fato existe uma produção significativa na região de Lagoa das



Flores e essa é que vem garantindo a permanência da renda e a possibilidade de reprodução social dessas famílias. Parte da produção de hortaliças da comunidade pode ver observada na foto 02.

Foto 02 – Produção de hortaliças na comunidade/bairro de Lagoa das Flores, em Vitória da Conquista/BA, 2010.



Fonte: Arquivos da Pesquisa. LEAU/DG/ UESB.

A partir de entrevistas com algumas famílias que residem no local constatou-se que se trata de uma área de ocupação antiga, quando a cidade de Vitória da Conquista ainda não compreendia a comunidade de Lagoa das Flores. De acordo com as informações dos entrevistados mais antigos que residem na área há mais de 70 anos, já existiam outras famílias quando estes chegaram à área, onde estava ocorrendo um processo de loteamento de uma fazenda, por meio da qual adquiriram pequenos lotes de terras. Outros vieram para trabalhar como empregados, e só recentemente adquiriram lotes para trabalhar por conta própria. A Família do Sr. Daude chegou a Lagoa das Flores no ano de 1958, há 50 anos, e permanece na área com os filhos, netos, bisnetos e até tataranetos. A família é numerosa sendo mais de 30 netos e 40 bisnetos. Alguns saíram da área para trabalhar fora, mas outra parte dos filhos e netos permanece em Lagoa das Flores. Dos 9 filhos, 3 são falecidos, um mora na cidade e os



demais trabalham na terra. Para atender a demanda da família a terra foi dividida em pequenos lotes, cada um destinado a um filho

(...) Eu vim para aqui em 1958, não tinha casa aqui, podia contar as poucas casas que tinha, esse velho aí diz que eram 10 casas e que hoje tem uma cidade, né? (...) A gente tinha uns parentes, uns morava aqui, vivia na casa dos parentes, e a gente morava lá para os lados de Barra Nova, depois mudamos aqui para Conquista e ele toda vida gostava de roça, aí os parentes dele falou que tinha uma terrinha para vender ele ajuntou e comprou e nós veio com os meninos pequenos e já tinha umas famílias aqui. (...) Nós quando chegamos para aqui o povo daqui não plantava quase nada, tinha a lagoa lá embaixo, onde o morador mais velho tinha uma roça lá. (...) Eu gostava muito de lavar a roça (...). (...) Depois começou a fazer horta também. (A. M. L – Camponesa, 13/09/2007).

Ainda na década de 1950, parte da terra que hoje se tem à produção de hortaliças era mata, outra parte já se encontrava desmatada, onde as famílias que já existiam produziam cultivos de subsistência como: feijão, milho, mandioca e outros. Os entrevistados mais antigos contam que eles derrubaram parte da mata (que chamam de capoeira) e iniciaram a plantação. Tinham poucas famílias na área. A partir da década de 1960 e, sobretudo, de 1970 é que começam a chegar à comunidade mais famílias, e adquirir sítios e lotes.

(...) Esse terreno nosso ia lá e rodava até lá na beira da pista, perto do posto (...). (...) Isso aqui tudo era roça de mandioca, feijão, milho. Depois nós fomos vendendo aos pouquinhos. Uma parte a gente vendeu a outra nós dividimos com os filhos, cada qual tirava um pedacinho (...). Um vendeu e saiu, é esse que mora em Boa Nova, casou aí comprou casa lá, os outros estão por aqui (...), trabalham com horta. (...) Agora tenho um pedaço de terra para vender, mas tem duas meninas fora que eu quero vender uma parte e dá um pedacinho para elas, para cada um ficar com seu pedacinho de terra né? (J. M. L. – Camponês, 13/09/2007).

Os entrevistados não sabem precisar o momento exato em que tais produções iniciaram, mas destacam a produção de flores com mais de 40 anos, ou seja, na década de 1970, e as hortaliças logo em seguida, por volta da década de 1980 até a atualidade. A produção de flores passou a ser significativa, tanto que, segundo entrevistados, foi por isto que a localidade passou a se chamar Lagoa das Flores. Posteriormente iniciaram os plantios



de hortaliças, que hoje predomina na localidade, cujos lotes são pequenos. A possibilidade da introdução destes plantios ocorre por conta de infra-estrutura disponibilizada para a construção do Distrito Industrial, posto que, até então, conforme os entrevistados mais antigos, a dificuldade com a água era grande, tanto que chegaram a cavar vários poços para conseguir água.

Um aspecto que chama atenção durante pesquisa na comunidade foi o fato desta apresentar-se com muitas famílias aparentadas entre si: são avôs, pais, filhos, netos, bisnetos, sobrinhos, tios, primos, enfim, famílias numerosas que se reproduzem há várias gerações na área, e que não abriram mão da terra, enquanto sua principal forma de reprodução social. Mesmo as famílias que chegaram mais recentemente, com menos de 20 anos na área, apresentam uma relação familiar com pessoas que já se encontravam na área. As relações de parentesco acabam por dar lugar a uma aparência de uma grande comunidade, onde a maior parte das pessoas se conhece, estabelece laços de convivência; ainda que esteja muito próximas a cidade e dos valores urbanos, é verificável que os valores camponeses não se perderam.

Outra questão fundamental que chamou atenção durante período de pesquisa de campo na comunidade foi à satisfação destas famílias com o produto do seu trabalho. O trabalho é eminentemente familiar, com exceção de alguns sítios, onde os produtores com melhores condições financeiras contratam diaristas do local. Contudo, mesmo nestes sítios os terrenos não são tão grandes, segundo entrevistas não chegam a ultrapassar 5 (cinco) hectares. Nos pequenos lotes o produtor direto, junto com sua família, é o responsável pelo preparo do solo, seleção das sementes, plantio, por molhar a produção, pela colheita, deslocamento da produção para as feiras das cidades, até a comercialização, quando vende a produção. Em alguns casos, por não possuir transportes próprios, ou por não terem como se deslocar para outras cidades, já que a própria família é quem cuida do lote, os produtores diretos chegam a vender a produção para comerciantes que levam os produtos para serem vendidos em feiras livres e redes de supermercados de municípios mais distantes. Ainda assim, mesmo quando os preços são baixos, verifica-se uma apropriação direta da família camponesa do produto do seu trabalho, fato que garante, mesmo com algumas dificuldades (sobremodo de perda de parte da



produção), uma visível satisfação das famílias que residem em Lagoa das Flores. O trabalho não é alienado e se reverte, diretamente, na satisfação das famílias.

Por outro lado, embora as famílias vivam em condições melhores do que muitas comunidades rurais da região, vivendo em casas com padrão razoável de construção, infraestrutura significativa, transporte e outras coisas, não se pode dizer que estes disponham de uma renda que lhes permitam uma acumulação que exceda, em muito, as necessidades da própria família. Apesar disso, existem diferenciações na renda das famílias, sobretudo ao comparar sítios de plantio mais modernizados, irrigados. Na maioria das famílias prevalece uma produção tipicamente camponesa, onde os produtos servem, principalmente, a reprodução da família e a terra é a condição de vida e de trabalho.

(...) A gente vive das hortaliças, dá bem, a terra é boa e tem bastante água.
(...) A gente usa cisternas. (...) Aqui eu planto alface, cenoura, beterraba, brócolis, couve, pimenta, cebolinha. (...) É um lugar que mulher, filhos, todos tem trabalho. Os que estudam em um turno trabalham em outro, e o que estuda a noite me ajuda durante o dia. (...) Sexta feira é dia de levar para as feiras livres; segunda-feira é dia de entregar nos supermercados de Conquista; terça a gente manda para Ilhéus e Itabuna, é assim todo dia, não tem feriado. Os caminhões ficam indo e voltando, são três e não param, saem cheios. É o ano inteiro, às vezes tem mês que produz mais, tem mês que produz menos, mas parar não para não (O. S. J. – Camponês, 17/09/2007).

A ocupação mais efetiva da área coincide com o período de implantação do Distrito Industrial de Imborés, nas proximidades, bem como de uma considerável mobilidade do trabalho, daqueles que perderam suas terras ou se tornaram desempregados com a expansão do cultivo do café. A cidade começa a estender-se em direção a esta localidade, que hoje encontra-se, praticamente, integrada à paisagem urbana. Devido a esta proximidade, a produção de hortaliça passa a representar uma importante alternativa de sobrevivência para estas famílias: primeiro porque no geral elas dispõem de pouca terra, fato que dificultaria a manutenção da família com cultivos de subsistência; e segundo por conta da proximidade da cidade e da própria BR-116, cuja localização facilita o rápido escoamento da produção que é perecível. Nas feiras de Vitória da Conquista e entorno, a produção de Lagoa das Flores é



levada para a comercialização. Esta comercialização é realizada, sobretudo, pelos agricultores, sendo, vez por outra, comprada por comerciantes.

(...) A gente colhe hoje no fim da tarde para levar para a feira amanhã. Vivo aqui há 17 anos, a família do meu marido é toda daqui. Sábado a gente vende em Poções e no domingo em Conquista (A. J. L. – Camponesa, 09/09/2007)

(...) Aqui é feita uma troca, a gente vende, a gente compra, às vezes a gente não tem aquela verdura e a gente compra; se aquela pessoa não tem a gente já passa para aquela pessoa, quem tem mais vai passando para outro e é assim. Parte a gente tira para a gente mesmo, para a família. Eu trabalho aqui e vendo na feira. A gente vai para feira nos fins de semana, nos outros dias a gente trabalha na horta. A família trabalha na horta, e meus filhos estudam também (...). (M. N. L. – Camponesa, 17/09/2007).

De acordo com informações dos moradores, com base no último Censo do IBGE, realizado em 2007, existe hoje, em Lagoa das Flores, mais de 3.000 pessoas, oriundas das primeiras famílias que chegaram à área e se reproduziram ao longo de algumas décadas, que se somaram com outras famílias que chegaram depois. A origem das famílias de Lagoa das Flores é basicamente do próprio Sudoeste da Bahia, com destaque para Vitória da Conquista, Boa Nova, Caetanos, Mirante e de vários outros locais. A partir da década de 1980, com a melhoria das condições infra-estruturais, instalação de serviços de água e energia elétrica, bem como a proximidade da cidade de Vitória da Conquista e da BR-116, agricultores com interesse mais comercial adquirem lotes transformando em chácaras e sítios na área, onde desenvolvem cultivos irrigados de hortaliças e flores, com melhores condições estruturais. Apesar disto, os sítios na área são poucos, prevalecendo pequenos lotes familiares, com cultivos de hortaliças diversas como: coentro, alface, beterraba, cenoura, salsa, entre outros.

Com o tempo, as famílias mais antigas foram dividindo a área que possuíam a fim de garantir a reprodução da família; outras partes das terras foram vendidas. Quanto aos agricultores com melhores condições financeiras, em geral filhos de agricultores que viviam no local, pode-se considerar que estes implementaram algumas transformações no local, posto que, no lugar das casas alternadas com hortas, surgem os sítios com muro altos. No geral nestes sítios os donos já não trabalham na terra, mas contratam trabalhadores esporádicos. Como a produção é toda irrigada, basta um ou dois trabalhadores para controlar o tempo de



deixar a água correr. Estes trabalhadores são também residentes em Lagoa das Flores, tendo pouca ou nenhuma terra, ou tendo apenas uma parte insuficiente para utilizar na pequena terra dos pais.

(...) Vivi 15 anos em São Paulo, fui com 17 anos. (...) Nos últimos anos estava trabalhando como cabeleireira, morava em Itaquera e trabalhava com horário marcado (...), (...) Meu marido foi para São Paulo bem novo, viveu 25 anos lá, ele trabalhava na fábrica da Ford, ai quando a Ford fechou não já estávamos bastante estressados de já tantos anos em São Paulo. (...) Trabalhamos todo esse tempo lá, a vida era muito dura, (...) então com o dinheiro que a gente juntou lá, ficamos sabendo pelo meu irmão, que também mora aqui em Lagoa das Flores que tinha um sítio vendendo, ai nós compramos. (M. R. S.- Moradora, 07/09/2007).

De acordo com entrevista concedida pela Presidente da Associação, moradores de Lagoa das Flores têm demonstrado a insatisfação quanto à definição da área enquanto zona urbana. Para ela, vai ser uma luta que a Associação vai ter que enfrentar. Caso prevaleça o critério determinado pela Prefeitura, a grande maioria dos moradores vai ter dificuldades de pagar o imposto, o que vai repercutir na vida das famílias que vivem hoje no local.

Apesar da proximidade com o Distrito Industrial e mesmo com a cidade de Vitória da Conquista, as famílias entrevistadas destacam que a maior parte da comunidade sobrevive das atividades agrícolas, sendo que, em algumas famílias, encontram-se filhas de horticultores que desenvolvem alguma tarefa na própria comunidade como: professoras, agentes de saúde, ou trabalham nos pontos comerciais, ou ainda nas fábricas do Distrito Industrial o que, de acordo com a presidente da Associação, não passa a 10% da população, sendo que, todos os demais vivem, eminentemente, das atividades agrícolas.

(...) Minha mãe vive aqui desde criança. A terra é pouca, tenho dois irmãos que trabalham com horta. Os outros dois trabalham na Avinor que é aqui perto. Tem parte da família aqui também, tenho tios e primos. Trabalham com horta e comercializam lá no CEASA. (...). (...) Meus irmãos foram trabalhar fora porque a Avinor oferecia um salariozinho, eles acharam melhor garantir o salário, aquele salário todo mês. (E. C. S. – Filho de Camponês, 12/09/2007).



O fato de alguns membros da família desenvolver trabalhos assalariados em outra área, fora dos lotes, não significa que a comunidade está se “urbanizando”, mas que se trata de uma estratégia de manutenção da própria família camponesa, posto ser o tamanho da terra pequeno, e às vezes insuficiente para o trabalho e o sustento de todos os membros da família; contudo, estes vivem, sobretudo, das atividades agrícolas, da horticultura, sendo que as outras atividades podem ser consideradas complementares. Nessa luta pelo trabalho, os jovens em que a família dispõe de pouca terra acabam servindo de força de trabalho barata (em geral com pouca ou sem “qualificação”), para as fábricas e empresas localizadas nas proximidades, cujo caráter exploratório não deixa de ser considerado pelos entrevistados.

A luta pela permanência na terra e pela garantia do trabalho é uma constante na vida da comunidade de Lagoa das Flores. Os mais velhos mantêm a terra de família e vão subdividindo-a para os descendentes, até que tal divisão não seja mais possível. Com isso, parte dos jovens acaba buscando alternativas de emprego, na própria comunidade ou em locais próximos, como as fábricas do Distrito Industrial e empresas agrícolas. Outros trabalham de pedreiros, professores, costureiros e comerciários na localidade. Algumas das famílias entrevistadas possuem filhos estudando em Vitória da Conquista, parte destes jovens frequenta o ensino em nível superior.

A terra vai sendo subdividida entre os pais, filhos, netos, até que esta torna-se insuficiente para as necessidades da família; contudo, estas famílias vão criando estratégias de permanecerem nos locais, fato incontestado no trabalho de campo, onde as gerações mais novas nasceram e permanecem na área e entre os mais velhos o fato de estarem há 40, 50 anos e até mais na área.

A forte relação com a terra permite a compreensão da reprodução social da comunidade de Lagoa das Flores no entorno do urbano e permite-nos concluir que mesmo diante da proximidade com a cidade e da incorporação de certos valores urbanos, o vínculo com a terra representa a referência mais forte para estas famílias; estas vivem da terra, do trabalho na terra e é desta que tiram seu sustento e de suas famílias, são camponeses e tem o direito de serem reconhecidos como tais.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apontado anteriormente, a partir de trabalho de pesquisa realizado na comunidade/bairro de Lagoa das Flores, em Vitória da Conquista/BA, reafirma-se a dialética campo cidade como fundamental para a compreensão desse espaço, que traz em si uma forte influência da vida no campo, muito embora seja considerada bairro da cidade e passa a estabelecer com estes espaços diversos vínculos comerciais de serviços, tendo, nas últimas décadas, suas vidas transformadas pela lógica da sociedade urbana que o cerca.

A partir da realidade concreta verificada na comunidade/bairro de Lagoa das Flores, em Vitória da Conquista/BA, compreende-se que a vida no campo é profundamente alterada com a aproximação dos serviços e demandas do espaço urbano que o cerca. Se por um lado, os sujeitos se reafirmam enquanto camponeses, também passam a sofrer mais diretamente os efeitos da saída, ainda que provisória da comunidade, o assalariamento de parte da família, colocando parte desses sujeitos disponíveis a exploração do trabalho. Nesse propósito, reafirma-se a relação capital trabalho, que se estabelece na dialética entre o trabalho concreto praticado nas pequenas frações de terra e o trabalho abstrato, que se desenvolve via assalariamento e precarização da força social que trabalha.

Desse modo, reafirma-se que, a partir do real concreto, os conceitos científicos precisam ser revisitados, redefinidos, a fim de explicar a realidade. Nesse sentido, cabe-nos considerar as transformações ocorridas no campo, nas cidades e a afirmação da dialética campo-cidade nos espaços que se reafirmam e se desenvolvem na relação entre esses dois espaços e só assim podem ser explicados.

4. REFERÊNCIAS

FIALHO, Aline Farias. **Reprodução camponesa e Mobilidade do trabalho: a questão da permanência no Assentamento Amaralina em Vitória da Conquista/BA.** (Monografia) Pós-Graduação em Geografia. Especialização em análise do Espaço Geográfico. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Geografia. 2014.

FIALHO, Aline Farias; SOUZA, Suzane Tosta. **Entre a resistência e a precarização: mobilidade do trabalho e reprodução camponesa no Assentamento Amaralina, Vitória**



da Conquista/BA. Anais do III Encontro Nacional estado, capital, trabalho. Grupo de Pesquisa estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais. Departamento de Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2015.

LEAL, Victor Andrade Silva; MARINHO, Marcos Silva; SOUZA, Suzane Tosta. **Precarização do trabalho e do espaço na cidade de Vitória da Conquista/BA.** Anais do Simpósio Baiano de Geografia Agrária. Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos, 2013. ISSN 2318-7832

LEBRÃO, Jemefer de Souza. **Mobilidade do trabalho e a produção da periferia urbana de Vitória da Conquista/BA.** (Monografia) Pós-Graduação em Geografia. Especialização em análise do Espaço Geográfico. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Geografia. 2014.

MASCARENHAS, Cristiane Silva. **A mobilidade do trabalho e a reprodução camponesa no Assentamento União, povoado de Capinal, Vitória da Conquista/BA.** (Monografia) Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Geografia. Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos, 2012. (72p).

MEIRA, Vandique Martiniano Campos; SOUZA, Suzane Tosta. **Mobilidade do trabalho camponês em Barra Nova/BA; subsunção e resistência ao capital.** Anais do Simpósio Baiano de Geografia Agrária. Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos, 2013. ISSN 2318-7832

NOVAIS, Weldon Pereira Silva de; SOUZA, Suzane Tosta. **Geografia e trabalho; a precarização do trabalho na periferia urbana de Vitória da conquista/BA.** Anais do Simpósio Baiano de Geografia Agrária. Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos, 2013. ISSN 2318-7832

OLIVEIRA JUNIOR, Artur Barbosa de. **O trabalho informal e a produção do espaço no centro comercial de Vitória da Conquista/BA.** (Monografia) Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Geografia. Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos, 2012. (119p).

ROCHA, Fátima Crislaine Batista. **Da expansão Urbana à valorização de terras rurais: uma reafirmação da dialética campo-cidade em Macaubas/BA.** (Monografia) Pós-Graduação em Geografia. Especialização em análise do Espaço Geográfico. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Geografia. 2014.

SILVA, Edilson Vieira da. **Mobilidade e Precarização do trabalho em Lucaia/Planalto e Barra do Choça/BA: dos cafezais à construção civil.** (Monografia) Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de Geografia. Laboratório de Estudos Agrários e Urbanos, 2012. (98p).



SANTOS, Jânio Roberto Diniz dos. **A territorialização dos conflitos e das contradições: capital versus trabalho nos laranjais baianos e sergipanos.** (Tese) Doutorado em Geografia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, 2009.

SOUZA, Suzane Tosta. **Da negação ao discurso hegemônico do capital à atualidade da luta de classes. Camponeses em busca do território no Sudoeste da Bahia.** (Tese) Doutorado em Geografia. Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. Departamento de Geografia. Universidade Federal de Sergipe, 2008 (715p).

SOUZA, Suzane Tosta (et. al.). Luta pelo Trabalho na periferia Urbana na mediação Campo-Cidade. In: CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz; SANTOS, Fabrícia de Oliveira. (Org.). **A Natureza Imperialista do Capital e a falácia do fim da crise.** São Cristóvão: Editora UFS, 2015.